

Revista Posição

Nas Com-tradições

Edmilson Borges da Silva

Membro da Equipe de Artes e Cultura Popular e Educador Social da CAJU – Casa da Juventude Padre Burnier.

Gilvane Caldera

Membro da Equipe de Metodologia da CAJU – Casa da Juventude Padre Burnier.

“Um rio sem margem é o ideal do peixe.”

Guimarães Rosa

“Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem, não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conferem em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar e nessa linguagem emprestada”.

Karl Marx


A cidade, com sua complexidade, construída por uma intensa divisão social do trabalho e por um controle, não menos intenso, do meio ambiente, onde a violência tipicamente urbana, derivada dos conflitos surgidos dessa divisão e utilização espacial, nos cega ou nos ocupa demasiadamente, impedindo o olhar distraído de ver o que essa complexidade citadina intensa no capitalismo esconde, mas não elimina.

Embora tenhamos gerações tipicamente urbanas, ainda é grande o número de famílias oriundas do campo; famílias portadoras de tradições, e na cidade essas tradições entram em longos períodos de hibernações, dos quais quase sempre não saem mais, vivem por muitas vezes na lembrança, na memória de um tempo de viver com regras, relações, rituais, cantorias, danças e um conjunto de saberes medicinais para tratar os males do corpo.

“Hoje é dia de Santo Reis”, canta o saudoso Tim Maia. E foi com esse canto ou com essa memória inscrita em nossos corpos, que a equipe de arte da Casa da Juventude vem saindo à campo, em busca do encontro com essas tradições, que inúmeras gerações se fizeram gente.

A partir da memória, o que ainda existe e resiste á avassaladora homogeneização cultural capitalista? O que sobreviveu ou transformou-se frente ao predomínio do valor de troca sobre o valor de uso do espaço urbano?

Revista Posição



Enfim, perguntas são só o que temos quando optamos por um caminho, esse caminho nos era míope, porém as imagens já nos têm melhor foco.

As relações cidadinas ofuscam e matam toda uma riqueza, historicamente construída por várias gerações, que pelo campo, sertões, matas... passaram. No entanto, a cidade também proporciona o nascimento de figuras distintas, ora motivadas pela lógica do lucro, a pesquisar e usar tradições como produto de torça no espaço urbano- os produtores culturais.

E nós? Herdeiros da memória, sobrevivendo com a miséria, institucionalizados nas cidades, filhos/as de rezadeiras que ora são evangélicas, jesuítas, sem autorização. Já somos demais, em busca de reconstituir um ser perdido na miséria socializada pelas precárias relações estabelecidas na cidade.

E assim estamos descobrindo o véu pobre que sobre a nossa viseira permanecia, para entender a memória com muitos/as já sepultados/as, vivendo em seus/as filhos/as, netos/as.... Compreender a permanência do exótico no olhar da cidade, conhecer suas contradições e assim se fazer educadores/as de jovens nas cidades, construindo identidade, com sabores e contradições do passado, os quais sobrevivem no intuito de construir uma sociedade onde ser gente é poder relacionar intensamente com a gente que no meio ambiente sobrevive e vive.

Foi na estrada, em praças, em encontros oficiais ou não, em romarias e no sertão que os/as arte-educadores/as da CAJU moveram-se ao encontro de foliões e carreiros de boi e com eles estão descobrindo um mundo de danças, cantorias, rezas e saberes sobre o meio ambiente e a humanidade.

Com estes homens e mulheres, muitos/as que ainda lavram a terra, fazem a colheita, constroem a casa de farinha, criam seu gado ou outros, que, em romaria ou em praças, relembram um passado que foi seu ou dos seus que ora vivem na cidade; os/as arte-educadores/as estão se tornando brincantes com a alegria, não sem memória, sem saber e saberes e com solidariedade a estes cuja escrita está em seus corpos, sua biblioteca é sua memória vinda de sucessivas gerações e sua arte é celebrada com o ritual de sua fé.

Tem sido assim que os brincantes da CAJU, ousados em se fazer educadores/as, vêm conhecendo o mundo rural dos sertões dos gerais, em Ribeirão de Areia- Minas Gerais, a rota dos tropeiros e dos carreiros rumo ao pai eterno –Festa de Trindade e, por fim, passando por encontros de foliões e de tradições na Chapada dos Veadeiros, na Granja do Torto, em Brasília, no santuário, em Trindade e na velha Matriz de Campinas, em Goiânia.

Com esse povo temos aprendido os inúmeros conflitos que suas famílias viveram pela posse da terra, suas histórias e suas lendas.

De um povo onde o violeiro é construtor de seus instrumentos e ainda, o cantador, o dançador e, na lavra da terra, é também o rezador. Os/as pesquisadores da CAJU são educandos/as com pretensões de serem bons discípulos/as.

“Tiou Maria, Maria Helena

Ti amar eu não posso

Ti deixar eu tenho pena”

“Coqueiro da Bahia


Eu quero ver meu bem agora

Quer ir mas eu vamo

Quer ir mas eu vambora”

“Passo-preto está cantando na copa

Revista Posição



do buriti, paciência passo preto
já vou me embora daqui”
“A flor da Ingazeira...”

Com estes poucos versos é possível sentir a diversidade musical e, conseqüentemente, a variedade de suas danças: lundu, quatro, batuque, cantigas de rodas...; folias: goiana, mineira e baiana, não existe uma igual a outra, homens, mulheres, jovens ou não e suas crianças rezam a ladainha ao pé da lapinha, em um português misturado ao latim, em seguida come-se fartamente, dançam e cantam toda a noite, com a música produzida pelos seus instrumentos e com suas vozes gastas pelo giro da folia, que é renovada com pingas curtidas em diversas raízes medicinais. Está garantido o dia de Santo Reis.

Assim, segue-se a busca de conhecer para compreender e de compreender para “saber viver”.

“Quer ir mais eu vamo....” na cidade ou no campo, conhecer para melhor celebrar as transformações e contradições do ato fundamental que é viver.

Recuperando o preto (sem medo de ser politicamente incorreto) e o índio que vive em nós, no batuque ou no lundu, quem sabe faremos melhor e diferente dos/as que hoje nos oprimem.